

NEOLIBERALISMO E DEMOCRACIA QUE RESTA: UMA ANÁLISE DESDE O CASO BRASILEIRO¹

Augusto Jobim do Amaral²

RESUMO: A crise democrática por que passa o Brasil, há algum tempo, em alguma medida conjugada com os efeitos do neoliberalismo em escala global, pode ser lida como o último momento das esquerdas no poder no século XX. Não obstante, é necessário recorrer, de maneira autocrítica, as escolhas políticas realizadas pelos governos no país nos últimos anos para localizar os equívocos e, principalmente, o esgotamento de uma governabilidade que insiste nos limites da democracia representativa gerida pela lógica do capital.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Democracia. Brasil.

NEOLIBERALISM AND DEMOCRACY THAT REMAINS: AN ANALYSIS FROM THE BRAZILIAN CASE

ABSTRACT: The democratic crisis that has been going on for some time in Brazil, to some extent coupled with the effects of neoliberalism on a global scale, can be read as the last moment of the lefts in power in the twentieth century. Nevertheless, it is necessary to resort, in a self-critical way, to the political choices made by the governments in the country in recent years to locate the misunderstandings and, above all, the exhaustion of a governability that insists on the limits of representative democracy managed by the logic of capital.

Keywords: Neoliberalism. Democracy. Brazil.

¹ Conferencia proferida no "Seminario Internacional – Neoliberalismo y Democracia Sobrante: nuevas formas de organización política", na Universidade Pablo de Olavide (UPO) – Sevilha/Espanha, em 17 de janeiro de 2018.

² Doutor em Altos Estudos Contemporâneos (Ciência Política, História das Ideias e Estudos Internacionais Comparativos) pela Universidade de Coimbra (Portugal); Doutor, Mestre e Especialista em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Entre os anos de 2017-2018 realizou estudos de Pós-Doutorado na Universidad de Málaga (UMA/Espanha), na área de "Teoría y Filosofía del Derecho", junto à "Cátedra Abierta de Derecho y Literatura". Atualmente, é Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais (linha de "Criminologia, Crime e Segurança Pública") e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, ambos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); lidera o Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq "Criminologia, Cultura Punitiva e Crítica Filosófica". Pesquisador-convidado do Lus Gentium Conimbrigae (IGC) - Centro de Direitos Humanos da Universidade de Coimbra, tendo experiência na área de Criminologia, Direito, Filosofia Política e História das Ideias, com ênfase em temas como biopolítica, cultura penal, violência punitiva, direitos humanos, controle social e segurança pública; direito penal e processo penal. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Rio Grande do Sul. Brasil. E-mail: guto_jobim@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Tentarei falar em espanhol. Já peço escusas antecipadas por isso. Contudo, falar numa língua que não é minha talvez seja menos o desejo de fazer-me ouvir, e mais a força de me fazer outro a mim mesmo e aos companheiros brasileiros. É mais justo falar a língua da maioria, sobretudo quando, por hospitalidade que traço desta Casa, esta dá a palavra aos estrangeiros.

Assim, gostaria de agradecer profundamente o convite para este encontro na pessoa da querida Carol Proner. Talvez neste começo, por gratidão, já se antecipe o que virá, afinal num afogado mundo de relações instrumentais, gestos e locais como estes ainda podem restaurar vínculos de amizade desinteressados e que nos impliquem responsabilmente. Alguns chamarão este afeto de amizade, outros de amor, ainda prefiro chamar estes encontros incomensuráveis, livres e ao mesmo tempo afins, estas experiências do presente, para além do regime político que possam sequestrá-las, como expressões de *comunismo*.

Orientarei minha intervenção, diante da provocação que me foi feita, ao menos desde duas direções: (1) mapear os termos daquilo que se poderia entender como um breve diagnóstico sobre o neoliberalismo, para depois, (2) repousar na problemática dos enlaces entre neoliberalismo e democracia tendo como pano de fundo privilegiado o contexto brasileiro, plataforma hábil para se ler as experiências políticas em curso atualmente no âmbito das “esquerdas”.

2 NEOLIBERALISMO COMO MODO DE VIDA

O neoliberalismo se trata, de maneira geral, de um modo de governo que carrega consigo a demolição de qualquer concepção daquilo que se possa chamar democracia como governo do povo. Mais que uma ideologia ou apenas uma política econômica, entretanto como forma de existência, põe-se como estratégia de universalização da *concorrência como modo de conduta* e da *empresa como modo de subjetivação*. Cabe perguntar, portanto, como esta nova razão do mundo reconfigura os preceitos democráticos³.

³DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016; LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **La pesadilla que nunca acaba**. El neoliberalismo contra La democracia. Barcelona: Gedisa, 2017.

A par dos múltiplos significados que “democracia” e “neoliberalismo” podem assumir, complicando o esforço de teorização entre ambos [em que pese o *demos* poder ser todo visto tanto como *corpo político* quanto propriamente os *pobres*⁴, ou ainda ver-se a democracia como “a parte dos sem parte”⁵ ou a “equaliberdade” imposta pela “rebelião dos excluídos”⁶] *democracia pode ser vista como autogoverno político do povo*, todavia alijada da contenção a qualquer forma particular. A seu turno, por certo, também neoliberalismo está longe de ser um conceito fixo com coordenadas firmemente estabelecidas. Paradoxalmente, ele é ubíquo ainda que não unificado nem idêntico a si no espaço e tempo. Em sua plasticidade e inconstância, porém, pode-se apontar diante dele a conversão do indivíduo e do Estado em projetos gerenciais, uma espécie de “*reconstrução da alma*” e “*reconstrução do Estado*”⁷: como dito, constituídas sob o modelo empresa, espera-se que ambos se comportem de modo a maximizar seu valor de capital através de práticas empresariais.

Os exemplos são fartamente conhecidos em ambos planos, mas caberia notar no primeiro (“*reconstrução da alma*”) o auge da educação com fins lucrativos, os rankings universitários, a crescente cultura de negócios das chamadas competências, as medidas de produtividade acadêmica por impacto, a queda das “humanidades” etc. Ainda está para vir um estudo que demonstre o quanto isso se modifica não apenas o perfil político dos universitários, mas seu engajamento político e a própria dificuldade de ação coletiva nestes locais. No segundo nível (“*reconstrução do Estado*”), os esforços para atrair investidores e desenvolver força de trabalho através do “crescimento generalizado da economia” tornaram-se mais que um fim de governo, converteu-se em sua legitimação. Noutros termos, as prioridades do Estado se tornaram indistinguíveis das empresas modernas.

Mas o que ocorre com o governo do povo e para o povo quando a razão neoliberal configura a alma e o Estado como empresas e não como entidades políticas? Sabe-se bem e já há muito se debate, mas não será demais lembrar ao

⁴AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002, p. 151 e ss.

⁵RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento** – política e filosofia. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: 34, 1996, p. 99 e ss.

⁶BALIBAR, Étienne. *Equaliberty: Political Essays*. Translated by James Ingram. Durham and London: Duke University Press, 2014, p. 207 e ss.

⁷BROWN, Wendy. **El pueblo sin atributos**: La secreta revolución del neoliberalismo. Barcelona: Malpaso, 2016.

menos 4 efeitos nocivos genericamente apontados pela crítica: *desigualdade intensificada*⁸; *mercantilismo imoral de todas as coisas*⁹; *promiscuidade do capital corporativo e financeiro com o Estado*¹⁰ e o *caos econômico derivado da especulação dos mercados financeiros*¹¹.

Estamos diante, em resumo, pela análise foucaultiana, de uma “razão normativa” reitora que estende uma formulação específica de valores, práticas e medições da economia a cada dimensão da vida humana¹². “*Economização de vida*”¹³, num viés muito próprio, diferente das amálgamas clássicas liberais: disseminação do modelo de mercado a todas as esferas e atividades (inclusive aquelas em que não se envolva dinheiro), configurando os homens como atores do mercado, sempre e em todos os lados. Não se trata apenas da expansão de um *homo oeconomicus* clássico do liberalismo, é uma nova substância que atinge a forma empresarial do capital humano financerizado: investidor de si, de modo a melhorar seu valor e atrair novos investidores, mediante a atenção constante a sua qualificação de crédito real em todas as esferas da existência.

Peculiar “economização”¹⁴ que, diferente dos clássicos, (1) reduz a vida política à econômica; (2) toma a forma de capital humano para fortalecer seu posicionamento competitivo; (3) cada vez mais o modelo específico torna-se o capital financeiro, não apenas o produtivo ou empresarial. Em resumo, *capital*

⁸KRUGMAN, Paul. **End this Depression Now!**. Nueva York: Norton, 2012; STIGLITZ, Joseph E.. El precio de la desigualdad. Trad. Alejandro Pradera. Mexico: Santillana, 2012; SEN, Amartya. **Development as Freedom**. New York: Alfred A. Knopf, 1999; PIKETTY, Thomas. **O Capital no século XXI**. Trad. de Monica de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

⁹SATZ, Debra. **Por qué algunas cosas no deberían estar en venta. Los límites del mercado**. Trad. Hugo Salas. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015; SANDEL, Michael. **O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2012.

¹⁰WOLIN, Sheldon Sanford. **Democracia S.A.: la democracia dirigida y el fantasma del totalitarismo invertido**. Buenos Aires: Katz editores, 2009.

¹¹DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. **A crise do neoliberalismo**. Tradução de Paulo Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2013; HUDSON, Michael. **Finance Capitalism and its Discontents: interviews and speeches, 2003-2012**. Dresden: Islet Verlag, 2012; SMITH, Yves. **ECONned: How Unrestrained Self-Interest Undermined Democracy and Corrupted Capitalism**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

¹²FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

¹³ÇALIŞKAN, Koray; CALLON, Michel. Economization, part 1: shifting attention from the economy towards processes of economization. **Economy and Society**, s.l. v. 38, n. 3, pp. 369-398, 2009; ÇALIŞKAN, Koray; CALLON, Michel. (2010). Economization, part 2: a research programme for the study of markets. **Economy and Society**, s.l., v. 39, n. 1, pp. 01-32, 2010.

¹⁴FEHER, Michel. **Rated Agency. Investee Politics in a Speculative Age**. Trad. Gregory Elliot. New York: Zone Books/MIT Press, 2018.

humano que se ocupa de melhorar seu valor de portfólio em todos os domínios da vida.

Na vida política, nosso foco privilegiado aqui, a neoliberalização transpõe os princípios políticos democráticos de justiça num léxico econômico, transformando o Estado num administrador da nação sobre o modelo empresa. Governa como sentido comum muito mais capilar, antes uma formiga que um leão, antes uma serpente que uma toupeira¹⁵.

Empresarializar a vida passa muito mais do que ter a concorrência como orientação que anima o mercado, é formular a concorrência como algo normativo. Assim, apresentar o ser humano como capital implica alguns desdobramentos: (1) se somos “capital humano” para nós mesmos, seremos para o Estado e para a constelação pós-nacional que fazemos parte, ou seja, não há direitos políticos específicos neste ambiente, reina a figura da descartabilidade que desintegra o social; (2) se a fórmula reinante é a concorrência, será a desigualdade seu meio de relação, portanto torna-se normal e necessária; (3) quando tudo é capital, a força de trabalho desaparece como categoria, desaparece qualquer força coletiva e base analítica entre trabalhadores (séculos de leis laborais indo por terra é a apenas ressaca disso) e (4) quando a esfera do político se expressa em termos econômicos, desaparece qualquer fundamento de cidadania preocupada com a coisa pública, ou seja, a rigor, elimina-se a própria ideia de povo, um *demos* que afirma sua soberania política coletiva¹⁶.

A persistência da política como destruição da vida pública é o que a fará contemporaneamente pouco atrativa, tóxica e permeável tanto ainda mais aos políticos profissionais quanto aqueles que nem se dizem políticos. A falta de resposta escandalizada a uma *democracia de consumidores*¹⁷, bem formulada e em alto tom, inclusive de espectros de esquerda, sobre o papel do Estado como alguém que prioriza, serve e sustenta o neoliberalismo, quer dizer, apóia o capital e degrada a justiça social, é um excelente indicador do êxito da sua racionalidade.

Será a grelha econômica a testar a validade das ações governamentais,

¹⁵DELEUZE, Gilles. **Conversações** (1972-1990). Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

¹⁶BROWN, Wendy. **El pueblo sin atributos**: La secreta revolución del neoliberalismo. Barcelona: Malpaso, 2016.

¹⁷HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder. Trad. Alfredo Bergés. Barcelona: Herder, 2014.

portanto o poder político real acaba por configurar-se num inimigo: inclusão se transforma em concorrência, igualdade em desigualdade, liberdade em mercados não regulados e a soberania popular torna-se impossível de localizar.

Assim, a vida humana transformada em “mera vida¹⁸ e “confinada por necessidade”¹⁹, estas “vidas matáveis”²⁰ já não são mais privilégio de classe. **O neoliberalismo é a racionalidade com que o capitalismo finalmente devora a humanidade como sua própria forma de valorização.**

3 ESPECTRO POLÍTICO DE ESQUERDA NO BRASIL

Além dos fatores sociológicos e políticos, os próprios móveis da mobilização são enfraquecidos pelo sistema neoliberal. Já dissemos: a ação coletiva tornou-se mais difícil e perde-se a capacidade quando a concorrência constitui os modos de subjetividade. Como projetos políticos de “esquerda” podem se postar diante deste quadro, quais alguns de seus desafios mais importantes?

Começaria tentando não isolar o Brasil do seu entorno e vê-lo como o *último capítulo da esquerda mundial no século XX*²¹, marcado por uma gestão social de mercado, em especial pela conservação de uma democracia liberal com distribuição de renda. Isto se pôs dentro de uma dinâmica que, após a 2ªGM na Europa, foi estabelecida por uma formação de compromisso para gerir o Estado de Bem-Estar Social. Desmantelado o colonialismo²² que sustentava a social-democracia (inclua-se aí a crise do petróleo de 1973), espaço aberto havia para o levante neoliberal Thatcher/Reagan. Ademais de seus resultados catastróficos em termos de desigualdade e desemprego, esta nova razão impôs-se como discurso moral a fundar novas formas de sujeição.

Mais importante, sobretudo, é atentar que o neoliberalismo aproveitou o que o maio de 68 já demonstrava com clareza: *a fragilidade da regulação de conflitos no*

¹⁸ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

¹⁹MARX, Karl. **El capital**. III. Crítica de la economía política. 2. ed. Trad. Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1959.

²⁰AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

²¹SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

²²Cf. MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

*interior de um capitalismo de Estado*²³. Sua ascensão aproveita a crítica do maio de 68, vampirando as forças de transformação social²⁴. Esvazia a crítica ao capitalismo e generaliza a gramática do “empreendedorismo” como vimos antes (Guattari/Negri).

E a esquerda brasileira neste horizonte? Poderá doer um pouco admitir desde logo a conversão da “esquerda” à gestão de um neoliberalismo com rosto mais humano? Talvez mais importante que isso seja saber o que implicou tal permeabilidade das esquerdas ao neoliberalismo. Direto ao ponto: com a inexistência de um discurso com clara força de transformação e a perda de vez da função de contraponto passou-se a vender medo.

Caberia examinar o que no Brasil seria uma espécie de repetição compulsiva de seus próprios impasses. Seria apenas publicidade e pouco sintomático Lula encarnando a figura de Getúlio Vargas em 2006 em Campos no RJ? Seria exagero enunciar que a primeira experiência de esquerda brasileira no poder foi a *repetição de uma estratégia populista de governo de extração getulista?*

Para além do sentido pejorativo e equivocado, da desqualificação genérica que o termo populismo ganhou (Laclau), atrelado ao irracionalismo e ao autoritarismo²⁵, marcante na história política do Brasil um movimento pendular entre oligarquia-populismo. Se no populismo há a capacidade de incorporação de grupos que estão fora do exercício do poder, isto será feito através de um pacto frágil entre várias demandas sociais contraditórias de setores antagônicos. Para isto não precisaremos rememorar a composição dos escalões ministeriais nos governos Lula-Dilma. Este balé político apenas pode se sustentar num ponto de convergência, num personagem emblemático como fora Lula.

Neste altura, cabe arriscar. Se aceitarmos esta leitura, como diz Safatle, poderemos nos aproximar do exame do (1) *esgotamento da Nova República* como era história; (2) do *esgotamento do lulismo* como modelo de desenvolvimento e, ao menos em algum grau, (3) esgotamento da própria experiência da *esquerda*

²³GUATTARI, Felix; NEGRI, Antonio. **Las verdades nómadas & General Intellect, poder constituyente, comunismo**. Trad. Carlos Prieto et.al... Madrid: Akal, 1999.

²⁴BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Trad. Ivone Benedetti. Rev. téc. Brasília Sallum Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

²⁵Denunciado por: LACLAU, Ernesto. **La razón populista**. Trad. Soledad Laclau. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2005.

*brasileira*²⁶.

Refletir sobre o esgotamento da etapa republicana atual no Brasil, de forma mais ampla e profunda, passa por entender como o Estado brasileiro tem consolidado neste período a administração do desaparecimento e o direito de matar. *Necropolítica*²⁷ que historicamente alimenta no Brasil uma dinâmica de *guerra civil*. Nem precisamos remeter às violências naturalizadas dos dados que se esforçam em representar o indescritível, nem testemunhar o trauma do regime ditatorial anterior e a incorporação de seu núcleo aos novos tempos para ver o resultado inapelável do *modus operandi* da exceção²⁸.

Por outro lado, se a experiência inflacionária dos anos 80 legitimou que um “Plano Real” tenha jogado o país como entreposto de valorização do capital internacional através de uma política de choque²⁹ comercial e financeira, o Brasil viu-se com FHC diante da desindustrialização, racionamento de energia e dependência de fundos de investimentos internacionais. Dentre outras inúmeras variáveis, quando se apontava para uma necessidade de refundação da institucionalidade, o *PT ingressa como grande ator na história da conciliação nacional com uma lógica nacional-desenvolvimentista a qual nasceu criticando*. Todavia, importante frisar, que a complacência da imprensa e do Judiciário não funcionaria da mesma forma – vemos muito mais claramente cada dia, principalmente com o lawfare que Lula hoje é refém³⁰.

Para se refletir sobre o possível esgotamento do chamado “lulismo” como categoria política, poderíamos pular diretamente ao atores do golpe parlamentar de 2016³¹ e verificar o óbvio: eram os mesmos da plataforma governista Lula-Dilma. Sacrificar o membro mais novo do poder parece ter sido a saída mais fácil para a tradicional oligarquia. Com um modo de governar que se chamou de “reformismo

²⁶SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

²⁷MBEMBE, Achille. **Necropolítica seguido de sobre el gobierno privado indirecto**. Trad. e ed. Elisabeth Falomir Archambault. S. L.: Melusina, 2011.

²⁸TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. (Orgs.). **O que resta da ditadura: a exceção brasileira**. São Paulo: Boitempo, 2010.

²⁹KLEIN, Naomi. Decir no no basta. **Contra las nuevas políticas del shock por el mundo que queremos**. Trad. Ignacio Villaro y Ana Pedrero. Barcelona: Paidós, 2017.

³⁰AMARAL, Augusto Jobim do; MARTINS, Fernanda. O que do cinismo jurídico “vem ao caso”? In: PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; RICOBOM, Gisele; DORNELLES, João Ricardo. (Orgs.). **Comentários a uma sentença anunciada: o processo Lula**. Bauru: Canal 6, pp. 60-65, 2017.

³¹Cf. el descalabro del procedimiento de impeachment en: TAVARES, Juarez; PRADO, Geraldo. **O Direito Penal e o Processo Penal no Estado de Direito: análise de casos**. Florianópolis: Empório do Direito, 2016, p. 11-67.

fraco”³², medidas de cunho liberal com maior sensibilidade social, até 2010 houve um inegável processo de ascensão social (42 milhões ingressam na classe média, salário mínimo 50% acima da inflação) e de fortalecimento do mercado interno brasileiro.

É o caso de perguntar onde e porque o processo se interrompeu. Centenas são as tentativas de resolver a discussão, muito mais tendo o conforto da análise retrospectiva. Entretanto, é de suma importância tentar fazê-lo sempre, principalmente para saber se poderia ser reeditado e para elidir o mantra liberal de que o colapso se deu pelo excessivo “estatismo”, argumento da ante-sala do mantra ideológico da austeridade³³.

De maneira esquemática, basicamente, no *campo econômico* o lulismo consistiu na transformação do Estado em indutor do desenvolvimento social (proteção social, salário mínimo e consumo) e econômico (financiador do capitalismo nacional e estimulador da reconstrução do empresariado). Fortalecia-se o mercado interno em associação com a burguesia nacional. Por outro lado, no *aspecto político*, as alianças heteróclitas pela governabilidade puseram-se na esperança de, ao conservar os núcleos de poder, conseguir manter a gestão do processo de ascensão social.

O esgotamento notório, no governo Dilma, para além de uma espécie de gerenciamento da inércia econômica, trouxe à tona o quanto as chamadas “políticas de combate à desigualdade” muito mais se aproximavam de uma *política de capitalização dos pobres* (“pobretologia”³⁴). Se os avanços notáveis em termos de acesso pelo consumo se deram, o ritmo de crescimento da parcela mais rica da população também manteve-se intacto, o que pressionou o custo de vida para cima, generalizando o fenômeno bem descrito como “produção do precariado”³⁵.

O limite do modelo como verdadeiro problema *econômico*, portanto, passava pelo limite imposto ao consumo desta “nova classe média” que passou a gastar mais da metade de seus rendimentos com educação e saúde privadas, além de transporte público, ou seja, em virtude do *déficit da constituição de um núcleo de*

³²SINGER, André. **Os sentidos do Lulismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³³BLYTH, Mark. **Austeridade: a história de uma ideia perigosa**. São Paulo: Autonomia Literária, 2013.

³⁴FONTES, Virgínia Maria. **O Brasil e o capital-imperialismo**. Teoria e história. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

³⁵BRAGA, Ruy. **A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2012.

serviços públicos de qualidade que poderia ser feito através de uma, nunca realizada, reforma fiscal capaz de capitalizar o Estado.

Alguma autocrítica neste ponto seria mais que necessária: ao invés de gerenciar um capitalismo de Estado com ajustes que tentassem recuperar o pacto no seu interior, não era chegado o momento da esquerda não temer se dizer avessa a operar no interior da lógica do neoliberalismo e buscar alternativas de confisco de aparelhos produtivos, práticas de autogestão e pulverização de agentes econômicos?

4 (AUTO)CRÍTICA À ESQUERDA

Uma pergunta creio central para o diálogo na conjuntura atual, em termos de política brasileira e as atuais dinâmicas de esquerda: será aconselhável reduzir o horizonte político da própria esquerda e apontar inclusive seu possível esgotamento, frente aos esforços de unidade ao redor do lulismo? Para além do absurdo *lawfare* empreendido ao ex-presidente, parte do golpe dado, este contexto de rechaço tem sido aproveitado grandemente para nublar qualquer alternativa outra e, sobretudo, para redimir o PT dos profundos erros cometidos em suas gestões. Não está à altura da dimensão inédita que produziu o lulismo, inigualável na história brasileira, terminar tentando sobreviver mobilizando o medo como afeto político. (“Sei que pode estar decepcionado, mas se não estiver no poder, as coisas serão muito piores”). A rigor, a discussão à esquerda deveria passar por atentarmos se queremos terminar como *gestores do medo social*³⁶.

Parece-me frutífero ficarmos mais atentos à emergência de novos corpos políticos que transformem algum desamparo em força política. A chance dos *protestos de junho de 2013* não foi aproveitada³⁷. O caldo de insatisfação já havia transbordado, em contexto mundial inclusive, sinalizando a frustração relativa com a paralisia produzida internamente, mas principalmente quanto à *crítica à representação*. Estivemos diante de um amplo e sintomático fenômeno de

³⁶VIRILIO, Paul. **La administración del miedo**. Trad. Salvador Pernas Riaño. Madrid: Pasos Perdidos, 2016.

³⁷MARICATO, Ermínia et. al. **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013; CAVA, Bruno. **A multidão foi ao deserto**. As manifestações no Brasil em junho de 2013 (jun-out.). Coleção Políticas da Multidão. Direção Giuseppe Cocco. São Paulo: Annablume, 2013.

insatisfação e precariedade, longe das narrativas de sedição das classes médias³⁸ (Braga) e da simples abertura para os fascismos. As cisões operadas quando o movimento ampliou-se, principalmente causadas pelo braço armado do poder (da esquerda, diga-se de passagem, que culminará recentemente numa “lei antiterrorismo”), e a constituição de narrativas hegemônicas sobre “vandalismo”, fazem a adesão popular quebrar e o setor conservador tomar a frente até o março de 2015.

Subitamente, ficou evidente que as organizações de esquerda e seus sistemas de representação (inclusive de base sindical), frente às dinâmicas dos movimentos autonomistas, estavam completamente imunes. Faltava a capacidade de criar e estarem permeáveis a novos atores políticos, a movimentos políticos de estrutura horizontal e aberta. Foi a direita, a seu modo, que soube capturar o movimento, absorvendo o discurso anti-institucional e focando no bode expiatório da vez: a corrupção e o discurso anti-petista. Mais um momento da histórica incapacidade de ouvir o que não se submete à estrutura de legitimação formal.

Sabemos que o que faz da política um objeto escandaloso³⁹ é sua própria racionalidade do dissenso. No Brasil, uma vez mais, me arrisco a indicar, outra encruzilhada se põe: *podemos empurrar a experiência social para uma reconfiguração tendo em visto o fortalecimento da soberania popular ou esvaziá-la na direção de um poder autárquico de comando.*

Pergunta-se: quando o Brasil repete o momento histórico mundial e se diante da política tendendo a extremos (a direita já se atentou para isso), não terá já passado o momento das esquerdas deixarem de reeditar fixações fantasmáticas, e pensar numa reconfiguração plural?

Por certo, se há algo que a esquerda jamais poderia temer é voltar a sua radicalidade, leia-se: *alijar-se das ilusões das conciliações da democracia liberal afeitas à agenda neoliberal.* Lembrar-se que a soberania do *demos* nunca é delegável, o que põe como eixo central o fim da representação política em termos tradicionais em prol de uma *democracia real*. Daí a fundamental questão: o que afinal aconteceu com nossa imaginação quando a única forma de existência parece

³⁸BRAGA, Ruy. **A rebeldia do precariado**: trabalho e neoliberalismo no Sul global. São Paulo: Boitempo, 2017.

³⁹RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento** – política e filosofia. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: 34, 1996.

passar pelas amarras daqueles que nos oprimem?

Assim, vendo-se o esgotamento dessa lógica de um capitalismo de Estado, amparada por uma frágil democracia representativa de coalizão, se deve verificar por onde estão os caminhos possíveis e diferenciais capazes de criar linhas de fuga a esta inércia que estogou a nova República. Diretamente, se trata, sobretudo, de deixar de ver o modelo do "lulismo" como única opção das esquerdas e superar o impasse de manter-se reféns de qualquer mito que, por natureza, se tenha liberado do lastro de representação. Ver no "lulismo" a única solução para "evitar retrocessos" já é o primeiro deles, exatamente o mais profundo equívoco. As condições candentes atuais, que seriam propriamente o momento para renovar diagnósticos autocríticos, se interrompem em nome de uma pauta desesperada. Nada de realista há nela, senão que retarda a crise que não será superada e tende quiçá a piorar.

Se há algum problema no desdobramento político que o quadro eleitoral de 2018 foi sua ressaca, é o excesso de unidade em torno do modelo petista, a ponto de qualquer medida de (auto)crítica ser sequestrada por uma necessidade de conversão do ambiente de ativismos e movimentos plurais para uma catarse coletiva de pertencimento, seja através do ativo pânico moral, seja através da luta infantil pelo legado frente ao mito que expiará os próprios pecados, quer dizer, não a construção de pautas comuns organizadas que multiplicariam forças, senão a peregrinação em busca de um legado jamais renovável, naturalmente que reafirma a mesma onipresença.

Versículo renovado - depois do tenebroso processo de impeachment que parece haber logrado, a esta dinâmica político-partidária, passar a ideia de estar vivendo em um Éden antes do fato - pelo deplorável cárcere, desde 7 de abril do ex-presidente, mantém úmido. As contradições do homem foram apagadas pelo mito. Parece que temos investido mais na construção mitológica que nas alternativas urgentes ao país.

Qualquer pequena possibilidade, de humano se pode dizer, vem sendo sufocada por sobrecargas paranoicas e míticas. A vida em sua humanidade urgente é demais para o mito, como recorda Eliane Brum⁴⁰. A vergonha de sua prisão para o

⁴⁰BRUM, Eliane. Lula, o humano. **El País**, São Paulo, 09 abr. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/09/politica/1523288070_346855.html>. Acesso em: 06 dez. 2018.

país só reflete o abismo que isto representa para a política nacional. A gravidade do momento histórico posto pela alegria obscena de parcela da população não é mais que a expressão do fracasso do próprio projeto de conciliação do "lulismo". Compreender esses impasses e limitações talvez seja o mais crucial neste momento. Se, no capitalismo de Estado, como dissemos, houve um aumento real do salário mínimo, redução da miséria, aumento do acesso às Universidades, melhoras no sistema de saúde pública, cotas raciais, garantia de crédito aos mais pobres; não obstante, em nada se mexeu na renda dos mais ricos e se aliou com a pior oligarquia possível, debilitando os movimentos sociais, inclusive com sua criminalização, neutralizaram os debates sobre o aborto e a política criminal de drogas, se aumentou como nunca a população carcerária, ademais da péssima política de demarcação de terras indígenas, fruto da visão exploradora da Amazônia, como flagrantemente encontrada na Usina de Belo Monte. Que estas contradições não sejam apagadas como força para a invenção de novas experiências.

5 CONCLUSÕES – COMO ABERTURAS (IM)POSSÍVEIS

É um erro do pensamento crítico contemporâneo afirmar que vivemos excessivamente instalados no presente. Assim, da mesma forma equivocados aqueles que criticam por excesso de pragmatismo as tentativas de unidade das esquerdas, por supostamente estarem atreladas a estratégias de curto prazo quando se fala do panorama eleitoral no Brasil em 2018. Mesmo que utilizando-se da adesão contrária à tentativa de retirar o ex-presidente do pleito eleitoral, investindo quase tudo na transformação do ídolo em mito, nosso problema à esquerda é muito mais profundo: a incapacidade quase que geral para saber ler o que se passa e estar veiculada ao “aqui e agora”.

Sofre de uma espécie de erosão de atenção pelo que se passa politicamente⁴¹. Como projeto político, as esquerdas, ao que parece, sofrem de FOMO (*fear of missing out*), sem conseguir estar nunca aqui e agora. O sofrimento, ao que parece, não é de “excesso de presente”. Muito pelo contrário, falta colocar-se

⁴¹FERNÁNDEZ-SAVATER, Amador. Habitar el presente: una lectura de ‘Ahora’, Del Comité Invisible. ¡Lobo Suelto! Anarquía Coronada, s.l., 08 jan. 2018. Disponível em: <lobosuelto.com/?p=18503>. Acesso em: 06 dez. 2018.

nele efetivamente, numa crítica radical da vida cotidiana que deve passar por pensar a transformação social como um exercício de atenção pleno das potências que ressoam nas situações que atravessamos. Do contrário, preso estamos num tempo contraído entre objetos perdidos e futuros melancólicos. Reféns daquilo que não se realizou, daquilo que poderá perder ou, principalmente, do sequestro dos futuros possíveis.

Mais triste que mobilizar o pânico para restaurar a unidade é esquecer o que há de dispersivo no medo. Torná-lo mais profundo e irreversível é aumentar sua dose até a neurastenia final. Não obstante, aniquila-se a potência de transformação não apenas pelo medo, mas também pela esperança. Diria mais. É possível não ter esperança e não ser desesperado. A esperança confabula com a espera, recusando ver o que está aí, temendo, a rigor, viver⁴². Esperar é se declarar, de forma adiantada, impotente sobre aquilo que, no entanto, se espera algo. Isto sim é manter-se a margem do processo político. É querer que as coisas sejam de outro modo sem querer realmente os meios para tal. Tudo não sem uma enorme dose de covardia. A esperança, espécie asfixiante de sentimento de postergação infinita, é o melhor agente para manter a ordem (“hoje nada podemos, amanhã pode ser possível”). Uma espécie de pedagogia da espera e fuga do agora. Morte do local da decisão, da crítica enfim, do gesto de tomar partido para continuar o que já não somos mais (Comitê Invisível).

Não poderia se esquecer que *abraçar a fragmentação* é uma dádiva do espectro político das esquerdas⁴³. Gerar vínculos, lugares, saberes e comunidades que nos façam mais fortes e mais felizes. Melhor elaboração das situações. Qual a situação? *A fuga do neoliberalismo, a desmercantilização radical da vida e do mundo*.

Se alguns podem enxergar na fragmentação pura perda é porque não deram espaço à intensificação e à pluralização que ela convida! Fragmentação daí não significará separação, mas cintilação, vibração, intensificação de vida, multiplicadora de circulações políticas inesperadas e de novas realidades coletivas. Isto não aponta senão na direção daquilo que poderíamos chamar *comunismo*: promessa que demanda um gesto, de compartilhar fragmentos, organizar seus encontros e

⁴²ESPINOSA, Benedito de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

⁴³COMITÉ INVISIBLE. **Ahora**. Trad. Diego Luis Sanromán. S.L.: Pepitas de calabaza, 2017.

estabelecer a boa arte da proximidade entre mundos.

A coação à unidade nos decompõe, deixemos isso às golpes das restaurações fascizantes. É preciso ir ao encontro, trabalhar a ligação conflitiva entre os fragmentos do mundo, organizar-se verdadeiramente, e isto nunca foi outra coisa senão *amar*.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

AMARAL, Augusto Jobim do; MARTINS, Fernanda. O que do cinismo jurídico “vem ao caso”? In: PRONER, Carol et al. (Orgs.). **Comentários a uma sentença anunciada**: o processo Lula. Bauru: Canal 6, p. 60-65, 2017.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BALIBAR, Étienne. **Equaliberty**: Political Essays. Translated by James Ingram. Durham and London: Duke University Press, 2014.

BLYTH, Mark. **Austeridade**: a história de uma ideia perigosa. São Paulo: Autonomia Literária, 2013.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. Trad. Ivone Benedetti. Rev. téc. Brasília Sallum Jr. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BRAGA, Ruy. **A política do precariado**: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **A rebeldia do precariado**: trabalho e neoliberalismo no Sul global. São Paulo: Boitempo, 2017.

BROWN, Wendy. **El pueblo sin atributos**: La secreta revolución del neoliberalismo. Barcelona: Malpasso, 2016.

BRUM, Eliane. Lula, o humano. **El País**, São Paulo, 09 abr. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/09/politica/1523288070_346855.html>. Acesso em: 06 dez. 2018.

ÇALIŞKAN, Koray; CALLON, Michel. Economization, part 1: shifting attention from the economy towards processes of economization. **Economy and Society**, s.l.v. 38, n. 3, p. 369-398, 2009.

_____ ; _____. Economization, part 2: a research programme for the study of markets. **Economy and Society**, s.l.,v. 39, n. 1, p. 01-32, 2010.

CAVA, Bruno. **A multidão foi ao deserto**. As manifestações no Brasil em junho de 2013 (jun.-out.). Coleção Políticas da Multidão. Direção Giuseppe Cocco. São Paulo: Annablume, 2013.

COMITÉ INVISIBLE. **Ahora**. Trad. Diego Luis Sanromán. S.L.: Pepitas de calabaza, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações** (1972-1990). Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. **A crise do neoliberalismo**. Tradução de Paulo Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2013.

ESPINOSA, Benedito de. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FEHER, Michel. Rated Agency. **Investee Politics in a Speculative Age**. Trad. Gregory Elliot. New York: Zone Books/MIT Press, 2018.

FERNÁNDEZ-SAVATER, Amador. Habitar el presente: una lectura de 'Ahora', Del Comité Invisible. **¡Lobo Suelto! Anarquía Coronada**, s.l., 08 jan 2018. Disponível em: <lobosuelto.com/?p=18503>. Aceso em: 06 dez. 2018.

FONTES, Virgínia Maria. **O Brasil e o capital-imperialismo**. Teoria e história. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979). Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUATTARI, Felix; NEGRI, Antonio. **Las verdades nómadas & General Intellect, poder constituyente, comunismo**. Trad. Carlos Prieto et. al... Madrid: Akal, 1999.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**: neoliberalismo y nuevas técnicas de poder. Trad. Alfredo Bergés. Barcelona: Herder, 2014.

HUDSON, Michael. **Finance Capitalism and its Discontents**: interviews and speeches, 2003-2012. Dresden: Islet Verlag, 2012.

KLEIN, Naomi. **Decir no no basta**. Contra las nuevas políticas del shock por el mundo que queremos. Trad. Ignacio Villaro y Ana Pedrero. Barcelona: Paidós, 2017.

- KRUGMAN, Paul. **End this Depression Now!** Nueva York: Norton, 2012.
- LACLAU, Ernesto. **La razón populista**. Trad. Soledad Laclau. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **La pesadilla que nunca acaba**. El neoliberalismo contra La democracia. Barcelona: Gedisa, 2017.
- MARICATO, Ermínia et. al.. **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **El capital**. III. Crítica de la economía política vol.2. ed. Trad. Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1959.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica seguido de Sobre el gobierno privado indirecto**. Trad. e ed. Elisabeth Falomir Archambault. S. L.: Melusina, 2011.
- MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.
- PIKETTY, Thomas. **O Capital no século XXI**. Trad.de Monica de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- RANCIÈRE, Jacques. **O Desentendimento** – política e filosofia. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: 34, 1996.
- SAFATLE, Vladimir. **Só mais um esforço**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.
- SANDEL, Michael. **O que o dinheiro não compra**: os limites morais do mercado. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2012.
- SATZ, Debra. **Por qué algunas cosas no deberían estar en venta. Los límites del mercado**. Trad. Hugo Salas. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015.
- SEN, Amartya. **Development as Freedom**. New York: Alfred A. Knopf, 1999.
- SINGER, André. **Os sentidos do Lulismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SMITH, Yves. **ECONned**: How Unrestrained Self-Interest Undermined Democracy and Corrupted Capitalism. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- STIGLITZ, Joseph E.. **El precio de la desigualdad**. Trad. Alejandro Pradera. Mexico: Santillana, 2012.
- TAVARES, Juarez; PRADO, Geraldo. **O Direito Penal e o Processo Penal no Estado de Direito**: análise de casos. Florianópolis: Empório do Direito, 2016.
- TELES, Edson; SAFATLE, Vladimir. (Orgs.). **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. São Paulo: Boitempo, 2010.

VIRILIO, Paul. **La administración del miedo**. Trad. Salvador Pernas Riaño. Madrid: Pasos Perdidos, 2016.

WOLIN, Sheldon Sanford. **Democracia S.A.:** la democracia dirigida y el fantasma del totalitarismo invertido. Buenos Aires: Katz editores, 2009.

Artigo recebido em: 07/12/2018

Artigo aprovado em: 10/12/2018

Artigo publicado em: 11/12/2018